

Os caminhos do amor filial em *Os dois irmãos*, de Germano Almeida

Carla Ribeiro

Mestranda em Estudos Românicos: Estudos Brasileiros e Africanos - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – PORTUGAL.

E-mail: ribeiro.carlaf@gmail.com

RESUMO: Tendo como base a obra de Germano Almeida, *Os Dois Irmãos*, o presente trabalho é uma reflexão sobre a importância da figura paterna, como representante dos valores da família e da comunidade, na decisão que leva André a matar o próprio irmão para preservar a sua honra.

PALAVRAS-CHAVE: literatura cabo-verdiana; fratricídio; valores comunitários.

ABSTRACT: This article, based in Germano Almeida's work, *Os Dois Irmãos*, is a reflection on the importance of the father's figure, as representative of the family and community values, in André's decision to kill his own brother to preserve his honor.

KEY-WORDS: Cape Verdean literature; fratricide; community values

E, levantando-se, foi ter com o pai. Ainda estava longe quando o pai o viu, e enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. O filho disse-lhe: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti, já não mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse aos seus servos: “Trazei depressa a mais bela túnica e vesti-lha; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e encontrou -se.”

Lc., 15, 20-24

“O juiz acabaria por considerar como provado que André Pascoal matou o irmão em circunstâncias não de todo perfeitamente esclarecidas mas que no entanto apontaram a sua convicção para a prática de um crime de homicídio voluntário” .¹ Assim se inicia o romance de Germano Almeida, *Os Dois Irmãos*, com palavras que, na sua brevidade, sintetizam a acção da obra: o julgamento que se desenrola em torno de um crime de fratricídio, um crime cuja existência e autoria não podem ser postos em causa, mas cujos contornos se revelam pouco nítidos até ao final.

Esta falta de nitidez afecta sobretudo o discurso e o objectivo judiciais, pois, ao contrário destes que se pretendem claros e sem qualquer equívoco, a mente de André, na qual se desenrola todo o drama, encontra -se dividida.

O drama interior desta personagem é revelado através de um longo proces so de rememoração dos factos ocorridos, uma rememoração que nos dá a conhecer a sua relação não só com o irmão, a “Vítima”, mas também com a mulher, e, sobretudo, com os pais.

De facto, além do irmão, personagem com a qual André se encontra e confronta, num misto de forte amor fraterno e dever a cumprir, os pais são as figuras que maior relevância assumem na forma de proceder e pensar da personagem. No

¹ Germano Almeida, *Os Dois Irmãos*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995, p. 11 (a partir deste momento todas as referências à obra serão feitas atra vés das iniciais *ODI*).

âmbito deste trabalho, decidimos analisar apenas a relação entre André e o pai, a personagem que melhor reflecte os códigos de conduta social e familiar vigentes.

Assim, podemos afirmar que o pai é a personagem que mais fortemente condiciona André na sua forma de agir e de pensar. Como representante máximo da família e das regras da comunidade, é pelas suas atitudes (mais do que pelas suas palavras) que André vai sendo conduzido a uma determinada situação, uma situação mais condicionada por essas mesmas regras do que desejada.

Aquela luta tinha sido reputada como tão certa e tão absolutamente necessária que parecia que até ao fim continuava escapando ao entendimento de todo o povoado a razão por que André tinha levado tanto tempo a consumá-la.

[...] desde a tarde do dia da chegada de André que ninguém tinha vivido senão da expectativa do momento em que ele desafiaria João para de uma forma solene e pública resgatar a sua honra cobardemente ultrajada.

(...) Com um sentimento de desencantada vergonha o povoado verificava que, numa promiscuidade aviltante, André continuava tranquilamente a conviver com a própria desonra e a da sua família, quando o que dele se esperava era que soubesse enfrentar com dignidade de macho o irrecusável desfecho que todos sabiam inevitável.²

As palavras “certa”, “absolutamente necessária”, “irrecusável”, “inevitável”, apontam para algo que não poderia ser de outro modo, pois além de estar em causa a desonra de André e a da sua família, “o seu desrespeito teria sido um escandaloso ultraje a valores que estão muito acima e muito para além da consciência individual”.³

O pai encontra-se, desde o início, e como não poderia deixar de ser, envolvido neste clima de desonra familiar, e será ele mesmo quem a dará a conhecer a André. Como representante máximo da família, o pai é o porta-voz do acontecimento que lhe traz a desonra, aguardando que o filho reaja da maneira esperada a algo do qual foi ele mesmo a única testemunha:

² ODI, p. 12/13

³ ODI, p. 13

Toda a vizinhança tinha ficado a saber que o falecido tinha sido encontrado em cima da cunhada, o próprio chefe da família em pessoa tinha ouvido os ais e demais gemidos no palheiro e tinha sido ele mesmo quem, saindo com esforço do espanto que por longo tempo o tinha pregado à porta da sua casa, acabara por pôr a nora no olho da rua, tendo ainda achado de seu dever participar aos parentes mais próximos, entre eles o próprio Domé nico, na qualidade de irmão, embora mais novo, a desgraça que assim abruptamente acabava de se abater sobre a sua família. Mas só três dias depois da desgraça viria o velho a arranjar coragem para escrever ao filho, informando-o numa seca carta e sem outros comentários de permeio que “o teu irmão anda a andar com a tua mulher”⁴

Neste excerto devemos salientar vários aspectos: em primeiro lugar, a necessidade de dar conhecimento à restante família do facto que traz a desonra; em segundo lugar, a atitude firme do pai de “pôr a nora no olho da rua”; mas também, a coragem de que necessitou, e que só surgiu três dias depois, para informar o filho mais velho daquilo que se estava a passar, uma informação que foi transmitida “numa seca carta e sem outros comentários de permeio”.

O pai é, com efeito, apresentado como uma personagem recta, firme nas suas atitudes e valores, alguém de cuja palavra ninguém duvida: “estando a desonra mais que comprovada com os ais e gemidos da mulher já totalmente abandonados no terreiro através da honrada palavra de seu pai.”⁵

Também no momento em que o pai de Maria Joana se encontra com o pai de André para se assegurar do futuro casamento, verificamos que a opinião geral em relação a esta personagem assenta nas ideias de rectidão e honradez: “[...] O pai de Maria Joana agradeceu com comedimento, disse que nunca tinha esperado outra atitude de um homem honrado e cumpridor como era o pai de André”.⁶

É a ideia de honra, o que sobressai do testemunho do ancião perante o tribunal:

⁴ *ODI*, p. 19

⁵ *ODI*, p. 20

⁶ *ODI*, p. 56

[...] Disse ser certo não lhe ser possível apresentar quaisquer outras provas para além da sua palavra, mas em toda a sua vida tinha sido sempre homem de religião, católico, apostólico, romano, e tinha feito questão de jurar, não só por Deus como também pela sua honra, dizer a verdade, toda a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade, embora tivesse sido previamente informado pelo Meritíssimo Juiz que ia ser ouvido apenas como declarante e que nessa qualidade ficava ipso facto liberto da necessidade de juramento. Aos costumes, disse ele ser na verdade pai tanto da Vítima como do Réu, mas que sabia que tal circunstância nunca lhe poderia servir de factor impeditivo de dizer ao Tribunal quanto sabia daquele infeliz acidente.[...] ⁷

A sua presença impressiona o próprio advogado de acusação:

[...] não obstante o advogado ser já homem de mais de 50 anos, por um momento como que se deixou intimidar pela severa dignidade que emanava de toda a figura do velho que deixava escapar cada palavra como se cuidadosamente a estivesse medindo, nunca dizendo mais do que queria, obstinado em proteger o filho embora adstrito à verdade pelo juramento solene. ⁸

As expectativas do pai em relação aos filhos colocam, pois, a ideia de honra em primeiro plano. O ancião espera que os filhos ajam apenas de acordo com os limites impostos pela honra e pelo dever.

Verificamo-lo, mais uma vez, no que diz respeito ao casamento de André com Maria Joana:

[...] Depois o pai suspirou e disse com um ar cansado que fosse o que fosse que o seu filho tinha feito, sabia ser ele honrado e digno o suficiente para não fugir a uma responsabilidade capaz de envergonhar os seus maiores. [...] Porém, o pai de André não tinha chegado propriamente a pedir-lhe a sua opinião sobre o casamento, limitando-se a perguntar-lhe se era verdade que ele se tinha servido de Maria Joana. Eternamente tímido diante do pai, André conservou-se calado e de cabeça baixa e então o velho lembrou-lhe que quando um homem de bem se deita com uma donzela, está diante de Deus a tomá-la por sua legítima esposa. Este é um dever sagrado que deve continuar a ser respeitado e que espero estejas na disposição de honrar, ajuntou. [...] ⁹

⁷ ODI, p. 185

⁸ ODI, p. 207

⁹ ODI, p. 56

A opinião do pai em relação a André é a de que este é um rapaz que merece a sua confiança, que age de acordo com o código de honra estabelecido. Assim, quando o filho pensa em sair de Cabo Verde, o pai dá -lhe o seu voto de confiança:

[...] Embora o filho fizesse muita falta em casa, tinha -se limitado a chamar-lhe a atenção para as suas responsabilidades familiares, na medida em que já era homem casado, porém ainda sem filhos, pelo que o aconselhou a pensar melhor antes de se decidir a abandonar a mulher por um tempo que ele não sabia quanto. Enfim, concluiu, os conselhos normais de um mais velho para um jovem, embora André tivesse sido sempre um rapaz ajuizado. No entanto, quando dias depois André voltou a confirmar o seu desejo de emigrar, dizendo inclusivamente que queria conhecer outros lugares, outras terras, ele que, com apenas a idade de 19 anos, já tinha visitado a cidade ma is de cinco vezes, o pai nada mais obistou, pois que André já era chefe da sua própria família e mais que ninguém deveria saber o que era o melhor para ele.¹⁰

Tendo sido sempre um rapaz ajuizado e sendo já chefe de família, André estaria pronto a seguir e respeitar o código de honra que sempre norteara o pai.

Assim, “a seca carta e sem outros comentários de permeio”, é a de quem não espera do filho outra atitude que não a de lavar a sua honra. É ele mesmo quem afirma em tribunal que “não se tinha permitido dizer ao filho o que ele deveria fazer, mas qualquer homem que se reconhece como homem sabe o que a sua honra exige que ele faça em semelhantes circunstâncias”.¹¹

No entanto, como se afirma na página 21, “parecia certo não ter André chegado com nenhum propósito definido, nenhuma forma pensada de agir”.¹²

Como tal, a atitude do pai, no momento da sua chegada, surpreende -o:

O que logo começou por perturbá-lo foi a circunstância de o velho ter visto o filho aparecer ao longe tropeçando ao peso das duas malas que agora carregava em cada mão e no entanto continuar a olhar

¹⁰ ODI, p. 189

¹¹ ODI, p. 207/208

¹² ODI, p. 21

para ele enquanto penosamente se aproximava, mas sempre com um ar pasmado ou distraído, sem fazer qualquer gesto para ir ao seu encontro ou sequer acenar-lhe um adeus de boas-vindas, talqualmente como se até André chegar junto dele não o tivesse reconhecido ou estivesse pensando ser um desconhecido que caminhava para ele.

Quando finalmente pousou as duas malas no degrau da entrada com um suspiro cansado e sorrindo se juntou ao pai, este levantou -se penosamente e abraçou o filho por longo tempo e só depois disso deu-lhe a bênção que André pedia, mantendo-o apertado contra si sem no entanto proferir qualquer palavra, como se estivesse gozando o regresso de um filho que talvez já julgasse para sempre perdido, numa comoção de que André nunca o tinha julgado capaz.¹³

O “ar pasmado e distraído”, o levantar -se “penosamente”, o longo abraço que antecede a bênção, poderão ser indícios de que, para o pai, este é um regresso doloroso. Mas também um regresso em que o dever de lavar a honra, de o resgatar da vergonha, pode, finalmente, ser transmitido. Ao transmitir -lhe a comoção que não deixara transparecer no momento da sua partida¹⁴, o pai transmite também a André uma tarefa a cumprir.

Deste modo, o seu silêncio nos momentos que se seguem à chegada do filho é um silêncio de quem aguarda uma reacção do outro lado, uma vez que já deu a conhecer o essencial.

Ele não estava preparado para aquela incomodativa mudez logo na hora da sua chegada, especialmente tendo em conta o tão sentido abraço com que ele o tinha recebido. [...] Ele não atinava com nada que pudesse fazer ou dizer para quebrar aquele silêncio de igreja enquanto o pai acabava de enrolar o cigarro [...]¹⁵

Contudo, André não reage, pois “na verdade nunca ti nham tido muito que dizer um ao outro”¹⁶.

¹³ *ODI*, p. 31

¹⁴ “O pai que apenas lhe tinha dito, como se estivesse despedindo -se de um estranho, que Deus vá na tua companhia!, e logo lhe voltou as costas numa rigidez de postura que o teria magoado se de há muito não tivesse aprendido que o velho não era homem de mostrar qualquer tipo de ternura .” *ODI*, p. 32

¹⁵ *ODI*, p.33/34

¹⁶ *ODI*, p. 34

E é neste ponto da narrativa que somos confrontados com alguns pormenores sobre a relação de André com o pai:

[...] embora não pudesse dizer que era bem medo, desde criança que se sentia pouco à vontade com ele, podia mesmo dizer que a sua presença o constrangia por causa da excessiva seriedade de todos os seus actos ou palavras e não se lembrava em toda a sua vida de ter visto o pai sequer sorrir uma única vez, quanto mais dar uma boa gargalhada.¹⁷

No seu íntimo, André sabe o que o pai espera dele, mas, não sendo essa a sua vontade, recusa-se a admiti-lo:

[...] disse que de repente tinha dado conta de que estava assim calado e contrito diante do seu velho como quem espera uma condenação por uma falta de que sabe estar inocente mas contra a qual é inútil lutar [...].¹⁸

O ancião é, pois, obrigado a reiterar a vergonha já antes afirmada por escrito:

[...] o pai tinha abanado a cabeça para cima e para baixo num gesto fatal e tinha dito que a vergonha tinha-lhe entrado na sua família adentro. [...] ficou olhando para o seu pai, sem saber que lhe poderia responder, até que este acrescentou que em toda a aldeia não se falava de outra coisa que não fosse aquela vergonha e ele seu pai só estava desejando que houvesse algures nas redondezas um buraco bem fundo onde pudesse meter-se e esconder os seus cabelos brancos.¹⁹

Perante a chegada de João, no entanto, o pai começa a aperceber -se de que resgatá-lo da vergonha talvez não seja a ideia de André, mostrando -se “descontente com o carinho que os dois irmãos demonstravam um ao outro [...]”.²⁰

Aos insultos de João e às tentativas vãs de André no sentido de encetar uma conversa, o pai responde apenas com a dignidade do seu silêncio:

¹⁷ *ODI*, p. 34

¹⁸ *ODI*, p. 35

¹⁹ *ODI*, p. 35

²⁰ *ODI*, p. 42

[...] por nenhum gesto o pai mostrou ter ouvido o que o filho lhe dizia. Antes pareceu ter de repente adormecido pousado na cadeira com o cigarro dependurado dos lábios e sem qualquer comentário ao destempero do filho. [...] O pai continuava como que adormecido na cadeira onde estava sentado e se ouviu nada comentou sobre a doença do filho. [...] perguntou directamente ao pai se ainda continuava a fazer aquele xarope de grogue e mato que era óptimo para curar constipações. Lembrava-se de que tinha sorrido ao fazer aquela pergunta porque procurava uma forma qualquer de quebrar a violência que sentia pairar no ambiente, aquele silêncio pesado que abafava toda a casa. Mas o pai apenas abriu os olhos e por momentos fitou o filho com aqueles olhos que André tanto temia.²¹

Mais uma vez, perante a reacção de André, temos a confirmação de que este sabe o que se espera dele:

Tinha feito a pergunta apenas para tentar ouvir seu pai dizer mais qualquer coisa porque estava a sentir-se perdido e acabrunhado no meio daquela hostilidade. Mas tinha acabado por baixar os olhos para o chão da sala, envergonhado pela frieza do pai [...].²²

Há uma vergonha que André sente e que reflecte o não corresponder às expectativas do pai. Como já verificámos anteriormente, André não tinha “chegado com nenhum propósito definido, nenhuma forma pensada de agir”.²³

O afastamento dos seus, em Portugal, doloroso de início, acaba por trazer o hábito da ausência:

[...] na altura em que recebeu a carta do pai a Maria Joana já era apenas uma vaga lembrança do seu passado. É certo que lhe escrevia mais ou menos uma vez por mês, mas era apenas como se se dirigisse a um parente com quem tivesse a obrigação de manter alguma correspondência. Uma ou outra vez chegou a falar da sua ideia de um dia regressar, mas a verdade é que sentia esse dia cada vez mais distante porque aquela saudade dos primeiros tempos, [...], essa saudade tinha acabado por se diluir na azáfama do pesado

²¹ *ODI*, p. 44/45

²² *ODI*, p. 45/46

²³ *ODI*, p. 21

trabalho a que não estava acostumado, e pelos fins até já se sentia habituado a viver sozinho.²⁴

É no momento da primeira conversa com o pai, após o seu regresso, que André se surpreende a sentir-se um estranho naquela casa, naquela aldeia, como se nada do que se tivesse passado lhe dissesse directamente respeito.

[...] ouvia aquela longa estória como se fosse mais uma das estórias do tio Doménico que pareciam-lhe sempre acontecidas algures num tempo que não era o seu e por isso nada tinham a ver com ele, afora ouvi-las como forma de passar o tempo. Porque, enquanto o pai falava, tinha-se dado conta de repente de que na verdade era um estranho naquela casa e naquele lugar [...].²⁵

E, no momento de falar a sós com João:

Surpreendeu-se a pensar que de facto não sabia por que razão tinha regressado. Afora a curiosidade de conhecer em primeira mão o que tinha acontecido não tinha outro motivo para ter vindo, tanto ma is que apenas muito vagamente tinha admitido a ideia de se divorciar .²⁶

Após esta conversa com o irmão, em que “sentia vagamente que tinha o dever de lhe pedir desculpas por se ter permitido não duvidar imediatamente daquela infâmia [...]”²⁷, André confronta-se, mais uma vez, com a reacção do pai, uma reacção que, pela sua dignidade não precisa de muitas palavras para se manifestar:

O pai continuava sentado, fumando o seu cigarro e olhando um ponto qualquer na parede à sua frente. André ainda esperou durante um bocado que a mãe lhe desse de comer, mas depois acabou por se dirigir à panela para se servir. Foi então que percebeu que dos lados do pai vinha um como que resmungo, um som de palavras que lhe lembrava ainda qualquer coisa parecida com, sem-vergonha! [...].²⁸

²⁴ ODI, p. 22/23

²⁵ ODI, p. 66

²⁶ ODI, p. 69/70

²⁷ ODI, p. 72

²⁸ ODI, p.77

A partir deste momento, André inicia um percurso que o levará até ao crime de fratricídio, um percurso em que terá de assumir a rejeição que a sua falta de atitude provoca nos outros, em que deixará de poder negar aquilo que dele se espera.

Contudo, não foi de imediato que André tomou consciência dessa rejeição. Pelo contrário, só a pouco e pouco foi adquirindo essa percepção porque disse, no primeiro e segundo dia foi de certa forma aliviado que constatou que já não pertencia ao povoado, que estava já distante e livre daquele mundo fechado por aquelas rochas agressivas e valores imutáveis. Olhava para si mesmo e até para as suas próprias roupas e sentia-se ali a mais, um estranho naquela aldeia perdida porque diferente dos demais até na forma como andava entre as pedras com os seus sapatos de passeio. Mas ao mesmo tempo uma imensa lassidão o impedia de voltar a partir, embora soubesse que era o que tinha que fazer porque estava livre da sua aldeia e da sua pequenez, sentia que já não pertencia àquele mundo que nada era capaz de fazer mudar.²⁹

Pela reacção dos familiares, que nunca aparecem para o cumprimentar, mas sobretudo pela reacção do próprio pai, que passa a tratá-lo como um estranho, como alguém que não tem as noções de honra e dignidade que dele se esperam e, como tal, deve ser posto à margem³⁰, André começa a questionar as suas noções de pertença àquele meio.

Ele que, inicialmente, se sentia alheio a tudo o que o rodeava e a tudo o que se passara, como se já não pertencesse àquele local e àquela gente, acaba por se sentir um estranho mas pelo facto de ter sido posto à margem:

[...] vasculhava no seu pensamento em busca do que teria feito para ofender os seus, porque ainda não lhe tinha ocorrido que já era

²⁹ *ODI*, p. 114

³⁰ “Porque logo no dia seguinte ao fecho das entradas da casa André tinha reparado que o pai não só se apresentava todo vestido de preto como também que guardava a casa como alguém a quem morreu uma pessoa de família e ali está disponível para receber os pêsames. Depois do “sem vergonha!” que tinha sido mais intuído que ouvido, nunca mais André lhe tinha ouvido uma única palavra e em tudo ele se comportava como se o filho já não existisse. André viria a dizer depois que o que mais o tinha chocado e atormentado naqueles dias não tinha sido propriamente o pai não ter respondido a algumas poucas palavras que às vezes lhe dirigiu, porque na verdade nunca foi um não responder ostensivo ou ofensivo. O que mais o amesquinhou foi constatar que o velho estava efectivamente surdo a qualquer som vindo de André e igualmente cego à sua presença, e de tal modo que se ele se encontrava num qualquer lugar onde o pai ia passar tinha que ser ele André a desviar-se para evitar que embatessem. [...]” *ODI*, p. 208

considerado por todos como um homem sem honra e sem vergonha.³¹
[...] de repente tinha compreendido porque Doménico tinha fugido dele e também porque o pai tinha fechado as janelas e as portas da casa e porque as pessoas se afastavam dele.[...]³²

Tentando, de início, negar aquilo que esperavam dele (“Ali na penumbra da casa dos seus maiores e encostado ao peito da sua mãe amada, rejeitou liminarmente o que intuiu que se queria dele, justamente porque sentiu que era um preço demasiado pesado para o agravo que tinha sofrido”.³³), André acaba, finalmente, por se conduzir ao crime de fratricídio, num processo que é, sobretudo, interior. Apesar da rejeição da comunidade e da família, é no seu interior que ele encontra a certeza daquilo que aconteceu e do que terá de fazer:

[...] André sentou-se no chão no meio daquelas palhas, surpreendido pela evidência da sua mulher nos braços do seu irmão, ambos ali deitados no meio daquelas palhas rebolando-se perante os olhos esbugalhados do seu pai. Ele viu-os tão claramente e por tanto tempo no seu impudor que acabou por fugir desatinado e saiu a andar pelo campo sem qualquer rumo e só com a noite bastante adiantada teve coragem de regressar a casa. Mas já quase a chegar, sentiu uma irresistível vontade de se desviar do seu caminho apenas para poder passar perto daquele maldito palheiro e entrar de novo e ver a sua mulher deitada debaixo do outro. Acabou por cair em si e pensou que devia estar a ficar louco para assim querer estar num lugar onde praticamente a sua família e a sua vida tinham sido destruídas e por isso prosseguiu em direcção a casa. Já se encontrava bastante perto quando de repente ouviu duas vozes que falavam dele. Da sua vergonha. Do pai e do seu luto pelo filho mofino. Parou no meio do escuro para melhor tentar surpreender o que diziam aquelas vozes sussurradas em que apenas conseguia identificar um profundo desprezo traduzido em pequenas gargalhadas enquanto diziam que antes tivesse ele ficado onde estava, escusava de vir envergonhar ainda mais o seu velho porque nenhuma vergonha e desonra era maior que a de ele estar todos os dias com a puta da mulher como se não fosse certo e sabido ter-lhe ela posto os chifres com o próprio irmão...³⁴

É ao tomar consciência de si mesmo como instrumento da vergonha paterna que André encontra a coragem para fazer o que tem de ser feito aos olhos da

³¹ *ODI*, p.131

³² *ODI*, p.132

³³ *ODI*, p. 129

³⁴ *ODI*, p. 233/234

comunidade. E, apesar da dor que o dilacera quando convoca o irmão para a morte³⁵, André sente-se, finalmente, realizado na tarefa que urgia cumprir.

André tinha-se de novo deitado sobre o colchão estendido no chão e o pai estava sentado num canto da sala e enrolava um cigarro. Ele e o filho não tinham trocado palavras, nem fora nem dentro da casa, mas André disse que na verdade sentia-se aliviado por ter tido a coragem de responder ao desafio da Vítima e ter merecido o respeito do seu pai. Não escondeu que se sentia a tremer por dentro e lembrava-se de ter pensado em quão feliz ficaria se o pai fosse ao quarto oferecer-lhe um cigarro de homem para homem ou então apenas ficar ali sentado com ele enquanto não chegava o cabo-chefe para o levar.³⁶

E é no texto que encontramos, finalmente, a prova desse respeito reconquistado, desse orgulho que o ancião sente pelo filho que o resgatou da vergonha:

[...] durante a audiência era claro o orgulho com que de novo o velho olhava para o seu filho e mesmo já antes do início do julgamento tinha sido visto a passar-lhe um carinhoso braço pelos ombros, sorrindo feliz.³⁷

O filho pródigo, aquele que se ausentara dos caminhos de rectidão traçados pelo pai, regressa de novo ao caminho da honra e ao seio do respeito e amor paternos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Germano, *Os Dois Irmãos*, Lisboa, Editorial Caminho, 1995.

³⁵ “Foi no meio do desespero daquela dor que o fazia em pedaços que viu João na sala dançando, alegre, feliz, brilhante de suor, e ouvia os gritos e as gargalhadas do João e continuava a ver João por entre as lágrimas que lhe caíam dos olhos [...]. Foi-se aproximando da porta cambaleando e pouco depois e sem bem saber o que fazia começou a gritar por João. Ainda por entre as lágrimas viu João parar de dançar como que surpreendido por esse inesperado grito [...]” *ODI*, p. 238

³⁶ *ODI*, p. 163

³⁷ *ODI*, p. 213